

13-08-2020

“Vou aprender a ler”

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

O trabalho para mim é crucial, uma vez que, aprendi na academia que sem trabalho não teríamos criado as condições para a sobrevivência humana. Aprendi que o trabalho está na centralidade da vida, pois é por meio dele que transformamos a natureza para a construção das materialidades que são o pano de fundo e a trilha sonora do andar da vida. O trabalho transforma a natureza dando infraestrutura para o desabrochar das potencialidades humanas. O trabalho funda e mantém o mundo dando sentidos e significados para manifestação fenomenológica do existir. O trabalho é o elã que sustenta e tonifica a musculatura geradora dos movimentos do cotidiano. Aprendi na academia que o trabalho e seus processos deveriam ser organizados, vigiados, prevenidos, minimamente tratados, quase nunca reabilitados e jamais velados por conta de acidentes ou doenças evitáveis. Aprendi que todo processo de trabalho deveria ser rigorosamente organizado na expectativa da ecologia humana, vigiado e prevenido na expectativa da saúde, tratado na expectativa das humanidades, ou seja, aprendi que o trabalho deveria estar dentro de um instituto jurídico protetor do direito do trabalhador e da trabalhadora...

Na linha dos fatos, poderíamos citar as estimativas dos acidentes de trabalho e doenças relacionadas a ele que ceifam milhões de vidas anualmente ao redor do mundo (veja no site da OIT). Porém, torna-se desnecessário discorrer sobre as mazelas deixadas pelo mundo do trabalho, elas são bem conhecidas, o que deveremos fazer é desenvolver formas estratégicas de proteção do trabalho contra o capitalismo astuto que tanto faz para ludibriar e manter suas práticas exploratórias.

Não caberia aqui uma análise mais profunda e esmerada sobre a sociogênese do trabalho com seus matizes antropológicos, políticos e econômicos, pois estamos falando de vida, de sobrevivência e de dignidade das pessoas, então temos que falar para elas entenderem...

Mas entenderem o quê? Que o trabalho é da ordem da vida, da realização, da construção, do legado. E não da ordem da exploração, da intimidação, da desonestidade, da humilhação, do acidente, da doença e da morte. O corpo no trabalho é um corpo político com representatividade na composição do Estado de Direito. A alma no trabalho é impregnada por caracteres emocionais que entranham no psiquismo do/a trabalhador/a sendo repositórios de esperanças que vivificam os sonhos construtivos de um mundo melhor a partir da força produzida pelos corpos no trabalho. Por que o entrecruzamento entre racismo e trabalho é fundamental nessa discussão!?

Porque a escravidão que perdeu por mais de três séculos, particularmente no Brasil, inaugurou a ideologia de raça que retroalimenta processos de dominação da força de trabalho baseada numa hierarquia colorimétrica (brancos/pardos/negros). Esta, mantida por motivações políticas e identitárias mantenedoras de desigualdades sociais observadas entre pretos e pardos que compõem a maioria da população brasileira (veja no site do IBGE).

Roberto Mendes e José Carlos Capinam escreveram um poema magistral sobre a vinda arbitrária de negros para o Brasil - “Yáyá Maseмба” - que já na primeira estrofe faz analogia do Navio Negroiro com o cativoiro.

E esse navio negro macabro, cada vez mais contemporâneo, está representado nos sistemas prisional, socioeducativo de menores, educacional e totalmente amalgamado no mundo do trabalho.

Que noite mais funda calunga / No porão de um navio negroiro / Que viagem mais longa candonga / Ouvindo o batuque das ondas / Compasso de um coração de pássaro / No fundo do cativoiro...

A escravidão foi um nefasto processo de expropriação de liberdades e despersonalização de seres humanos. Como tudo na história se repete e como dizia minha avó, desgraça pouca é bobagem, o *Gulag* soviético e o *Lager* nazista redimensionam essa reificação. A saída forçada de negros de seus territórios para o trabalho foi um grande laboratório para experimentação e engendramento do processo de exploração da força de trabalho - o conhecido capitalismo financeiro. Segundo Comparato (2019)...

O capital é, por assim dizer, personificado e elevado à dignidade de sujeito de direito, o trabalhador é aviltado à condição de mercadoria, de mero insumo no processo de produção, para ser ultimamente, na fase de fastígio do capitalismo financeiro, dispensado e relegado ao lixo social como objeto descartável... Entendemos assim, o real e desalmado processo de transformação de pessoas em coisas. Então o que queremos com esse texto?

Fazer uma triangulação entre trabalho, racismo e cuidados paliativos! É possível? Tentaremos a partir de duas premissas, uma ideal e outra real. A ideal seria composta por um mundo do trabalho mais igualitário, onde a justiça social possibilitasse que brancos/pardos e negros fossem tratados como sujeitos de direitos sem nenhuma espécie de privilégios ou discriminações por coloração da pele, ideologia de gênero e nem tampouco por suas opções sexuais; mais humanitário onde a dignidade das pessoas compusesse a tributação mais valorativa da existência; mais compassivo onde as complexidades humanas fossem contempladas e respeitadas. Sendo assim, os trabalhadores envelhecendo e padecendo de falhas orgânicas traduzidas por sintomas crônicos, incluindo o sofrimento, seriam acolhidos e paliados por um cuidado integral, visando conforto e qualidade na fase derradeira de uma vida digna no trabalho, independentemente da cor de suas peles.

continua

<p>E na premissa do real, como se aplicariam os cuidados paliativos? Acidentes e mortes são cada vez mais frequentes no mundo do trabalho, seja pelas incongruências organizativas ou pelos modos de produção evolutivamente mais precarizados. Para não falar das formas atuais de desmantelamento dos direitos trabalhistas nas contemporâneas modalidades de exploração, como uberização, entregas por aplicativos, <i>home offices</i> desregulados etc. Antes de responder à pergunta inicial, tem uma mais urgente. Como, quantos e quais trabalhadores viverão para receber esses cuidados na fase derradeira de uma vida indigna no trabalho?</p>	<p>Não sabemos. Mas ficamos com a dica da renomada cientista Maria Cecília de Souza Minayo “<i>num sentido mais amplo, o cuidado é visto como um paradigma que confronta com outro paradigma, o da dominação, da mão que agarra e se apropria</i>”. Mas sabemos que o cuidado paliativo é a mão que acolhe e ressignifica!</p> <p>Seguindo o conselho de Mendes e Capinam... <i>... Vou aprender a ler / Pra ensinar meus camaradas!</i></p> <p style="text-align: center;">(ouça) ■ ■ ■</p> <p>Referência ■ Comparato. FK. A afirmação Histórica dos Direitos Humanos. 12ªed. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	